

MÚSICA
20 JUNHO 2015

Orchestre
Tout Puissant
Marcel Duchamp

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Contrabaixo Vincent Bertholet **Violino e voz** Liz Moscarola
Bateria Wilf Plum **Guitarra** Maël Salètes **Marimba** Aida Dop **Trombone** Florian Saini
Apoios Ville de Genève, Etat de Genève e Pro Helvetia

Sáb 20 de junho
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h · M6

Sobre a Orchestre Tout Puissant Marcel Duchamp e o CD *Rototor* que está na base do concerto de hoje

No começo está este homem: Vincent Bertholet, contrabaixista. A Cave 12, em Genebra, célebre por apresentar músicas novas e as chamadas “músicas transversais”, dá-lhe carta-branca em novembro de 2006. Ele aproveita para sonhar alto num coletivo para uma noite, com contornos fantasmáticos, juntando em sua volta uma corte de músicos de todos os horizontes, uns andrajosos, outros com belos fatos, que não se conhecem sem de parte nenhuma, cada um com a sua bagagem, cada um notificado que a devia perder pelo caminho. Assim nasce a Orchestre Tout Puissant Marcel Duchamp (título malicioso, em homenagem cruzada aos grupos tradicionais africanos – Orchestre Tout Puissant Konono n.º 1, Orchestre Tout Puissant Plyrytmo, etc... – e a um dos grandes dinamitadores da arte do século XX), borbulhante bordel e vacilante albergue espanhol, jangada “medusante”¹ que vai numa deriva consentida, sem bússola nem mapas de estado-maior. O que sonhava alto Vincent Bertholet, era a possibilidade de uma música ampla e generosa, desprezando, finalmente, qualquer espírito de capelinha, despreocupada tanto das fronteiras como dos cartões de identidade, agregando em torno do mesmo princípio de prazer múltiplas heranças tradicionais, as forças em desordem do *free*, o alfabeto pulverizado do *rock ‘n’ roll*, a ciência da música contemporânea, o descaramento *punk*, a memória de diversas faces das

músicas populares e as fantasias especulativas das músicas eruditas.

O projeto, primeiro pensado para uma noite, vai-se cristalizando mês a mês, ano a ano, para acabar, ao sabor de indas e vindas de uns ou dos compromissos de outros, por se tornar uma tribo aconchegada e unida que recentemente gravou *Rototor*, o seu terceiro álbum. O título é um piscar de olho aos famosos *rotoreliefs* de Duchamp,² como é ao gosto de Duchamp pelos palíndromos.³

A seguir a um primeiro disco epónimo⁴ gravado em 2007 com urgência no estúdio de Bob Drake,⁵ em Caudeval, Ariège (sul de França), e ao segundo, *The Thing That Everything Else is About*, concebido com Jeroen Visser⁶ numa casa em plena montanha nos arredores de Chambéry, no sudoeste de França, e editado pela etiqueta Red Wing, em 2010 o grupo deu perto de 200 concertos, sempre irrequietos, antes de deixar amadurecer este novo repertório, gravado em *Rototor*, trabalhado em diversas residências.

Este terceiro disco foi produzido por John Parish (o mesmo que produziu PJ Harvey, Eels, Giant Sand, Dominique A, e muitos outros artistas) e gravado por Ali Chant no Toybox Studio em Bristol. É um álbum mais “concertado”, talvez mais pop, porque é mais concentrado do que nunca sobre as próprias canções. O que impressiona de imediato é como Parish conseguiu dar contornos mais precisos e claros para conter o *maelström*⁷ habitual de uma Orquestra que até aqui parecia ter privilegiado o caráter de alegre borrão,

abertamente delirante, de mistura de géneros. O que ouvimos neste álbum é um grupo de um sincretismo depurado, com linhas nítidas e angulosas, no interior das quais um cursor descontrolado se desloca, sem parar, de uma intensidade a outra, a imaginação sempre em movimento.

A produção, talvez menos frontal, em todo o caso menos brutal, inventa para esta música profundamente nómada, territórios elásticos e movediços, espaços sonoros a investir de forma mais matizada do que no passado, definindo idealmente timbres e intensificando consideravelmente a paleta cromática do conjunto.

Ao lado de *riffs*⁸ teimosos de contra-baixo e de temas de Vincent Bertholet que agarram os corações, brincam e dialogam as guitarras soantes e vacilantes de Maël Salètes, alternando células repetitivas hipnóticas, digressões *free*, solos dissonantes e alegres, contrapontos melódicos da marimba, aqui volúvel e dançante, à mais “pontilhista”⁹ marimba de Aida Dop, o trombone como uma perfuradora de percussão de Mathias Forge,¹⁰ os coros que se elevam e caem em centelhas espectrais como apelos à dança, ao transe, à guerra, ao amor e à alegria, os arranjos mínimos das cordas (contrabaixo com arco, violino) secos, rigorosos, fustigantes como bofetadas amorosas. Tudo isto rola impecavelmente na bateria de Wilf Plum, cujo estilo, de uma infinita subtilidade, assegura o frémito *soul*, *groove*¹¹ e síncope *rythm ‘n’ blues*.¹²

Indispensável é falar-se do canto soberano de Liz Moscarola (igualmente

violinista e o único membro da origem do grupo que nunca deixou de fazer parte dele, para além, claro, do seu fundador) que imediatamente aperta os corações, encanta o seu mundo como se nada fosse. Terreno, rebelde, brincalhão, desprovido de toda a afetação mas sabendo soprar o quente e o frio sem ostentação, é um canto cujo registo de expressão infinitamente variado não tem igual para esculpir as palavras, aguçar as sílabas, fazer estalar os fonemas. Liz Moscarola é tão divertida como emocionante e a sua índole confina com a “magia branca”.¹³

Rototor é um manifesto de música livre e aventureira, organizada em canções pop versáteis, sucessivamente lúdicas e ardentes, incandescentes, divertidas e exaltadas, assumindo com simplicidade uma espécie de tradicionalismo futurista fragmentado, com múltiplas identidades, uma arte conjugada da festa e da guerra, danças nupciais e cânticos de batalha atirados em conjunto para um chão sem fundo.

Tradução adaptada do texto fornecido por Vincent Bertholet; acrescentos explicativos nossos, em notas de rodapé, com socorro, por vezes, à Wikipédia.

1. Referência a uma célebre pintura de Théodore Géricault, executada entre 1818 e 1819, exposta no Museu do Louvre.

2. Filmes animados em que círculos vão rodando.

3. Palavras ou frases que se podem ler da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, mantendo o mesmo significado, como *rototor* ou a frase de Duchamp “Elu par cette crapule”.

4. O título é o nome da banda.

5. Músico multinstrumentista e técnico de som, ligado ao rock de vanguarda, às músicas *underground*.

6. Membro da banda pós-*punk* holandesa, The Ex.

7. Turbilhão.

8. Progressão de acordes, intervalos ou notas musicais repetidos numa peça musical, formando a base ou acompanhamento.

9. Termo pedido de empréstimo a um movimento da pintura do final do séc. XIX – o pontilhismo – que tem como uma das suas figuras mais importantes Seurat e se caracteriza por as obras serem executadas através de pequenos pontos de cor.

10. No concerto de hoje substituído por Florian Saini.

11. Termo que toma diversos sentidos segundo os géneros musicais, como o rock, o jazz, o *funk*, relativo a um ritmo dançante ou *swingante*.

12. Outro termo que mudou de sentido e se refere a estilos musicais derivados do *blues* do *gospel*, da *soul*.

13. Magia para bons fins.

Vincent Bertholet contrabaixo

Nasceu em 1973. Inicia-se na música como autodidata, em diversos grupos pop *punk* locais. Com 25 anos decide dedicar-se ao contrabaixo. Em 2000 estuda no CIM, centro de estudos musicais em Paris. Em maio de 2006 trabalha a improvisação com a contrabaixista Joëlle Léandre por ocasião de uma semana de estágio na Maison du Peuple de Saint Claude.

Fundador e programador do festival Face Z, festival de descobertas musicais, cuja 9.ª edição teve lugar na Cave 12 em Genebra (www.festivalfacez.ch). Paralelamente à OTPMD integra a banda Testa di Cavallo (Amesterdão/Berlim/Genebra), quarteto montado em torno do “piano-ferraille” (piano preparado com objetos metálicos, muito variados, junto às cordas) da genebrina Géraldine Schenkel, e Hyperculte, duo com a baterista, também de Genebra, Simone Aubert. Fundador da OTPMD, em novembro de 2006, em consequência dum carta-branca oferecida pela Cave 12.

Liz Moscarola violino e voz

Nasceu em 1980. Inicia-se no violino com 4 anos de idade no Centre de Pratiques Musicales d’Annecy, onde estuda até 1998. Durante os verões de 1997 e 1998 frequenta diversos estágios de violino jazz em França e na Bélgica, formação que aprofundará na École Nationale de Musique de Villeurbanne

(98-99). Prossegue também uma formação de bailarina e atriz. Estudou dança contemporânea no Conservatoire Nationale de Région de Saône (Lyon).

Animadora de atividades de formação musical e de *ateliers* pais e filhos “música em movimento”. Toca na OTPMD desde a sua criação.

Wilf Plum bateria

Nasceu em 1963. Músico autodidata, guitarrista e baterista em muitos grupos, seja em Edimburgo, entre 1976 e 1990, em Amesterdão entre 1990 e 2007, na Bélgica desde 2007, e em Genebra desde 2009. Tocou, entre outras, com a banda Dog Faced Hermans, desde a sua fundação, em 1986, até ao final de 1994 (500 concertos e 5 álbuns). Colaborou com De Kift, The Ex Orchestra, Rythm Activism. Assina as bandas originais de filmes, entre elas a de *Fat Cat*, filme belga realizado por Patricia Gélise e Nicolas Ekla (2012). Toca na OTPMD desde 2009.

Maël Salètes guitarra

Nasceu em 1976. Formou-se musicalmente como elemento do grupo de rock independente MacZde Carpate que, em 13 anos de carreira, gravou 4 álbuns distribuídos no mundo francófono e conta mais de 400 concertos em França, na Europa e no Canadá, incluindo festivais de renome. Diplomado em ensino das músicas atuais pelo Cefedem (Centre de formation des enseignants de la

musique) de Lyon, dirige paralelamente dois outros projetos: um duo de harpa e guitarra L'Étrangleuse (Grenoble) e um trabalho regular com a cantora de Somaliland Sarah Halgan. Toca na OTPMD desde 2009.

Aida Dop marimba

Nasceu em 1982. Tem formação clássica como percussionista, primeiro no CNR de Boulogne-Billancourt, depois no Conservatório de Genebra, onde, em 2010, completa um Master of Art em interpretação musical, variante concerto. Desde 2005 que colabora regularmente com o festival Archipel, em Genebra, incluída em diversos projetos de músicas contemporâneas. Desde 2009 que trabalha para a Orchestre de la Suisse Romande e no Centre International de Percussion, em Genebra. Colabora igualmente com o grupo de canções latino-americanas Triomboli, ou com Boogaloo Sweet People. Ensina percussão no Conservatoire Populaire, em Genebra, e na escola de música de Plantes-Ouates. Toca na OTPMD desde janeiro de 2011.

Florian Saini trombone

www.otpmd.ch

Próximo espetáculo

Velkro

Ciclo “Jazz +351”
Comissário: Pedro Costa



Jazz Seg 22 de junho
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6

Saxofone tenor Boštjan Simon
Guitarra, baixo elétrico, eletrónica Stephan Meidell
Bateria Luís Candeias

Ora aqui está um grupo transnacional tocando uma música trans-idiomática. Velkro é a associação de um norueguês (Stephan Meidell), um esloveno (Boštjan Simon) e um português (Luís Candeias) em torno de um projeto simbiótico em que elementos do rock *indie* e da eletrónica exploratória são tão determinantes quanto os do jazz criativo e da improvisação livre. Defendem eles próprios que «quanto maior for o campo de jogo, mais viva é a experiência» e fazem-no com ímpetos de urgência. O título do seu novo disco é indicação suficiente: *Don't Wait for the Revolution*.

A música que nos propõem é uma sedutora mistura de ritmos repetitivos, paisagens sonoras, texturas abstratas e voos instrumentais muito soltos, entrando resolutamente por situa-

ções que julgaríamos incompatíveis. Os resultados são ora barulhentos, ora poéticos, e tanto podem escolher a via do mais contagiante *groove* como parecer a banda sonora de um sonho. É agri-doce, e se umas vezes carrega nas cores e escurece, em outras ocasiões surge luminosa. Como alguém disse, «não é pós-bop, é pós-Velvet Underground».

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Amaral

Madalena Costa

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt